

A motivação e sua potencial influência no bom desempenho dos alunos Prouni: da fundamentação sociológica à psicologia da educação

Jane Kelly de Freitas Santos

RESUMO

Estudos realizados desde e pelo Relatório Coleman (1964) marcam e estruturam as pesquisas em âmbito educacional sobre a eficácia escolar e a aprendizagem dos alunos. Estes estudos apontam que geralmente os alunos que ‘apresentam melhor desempenho’ escolar possuem *Capital Cultural* mais elevado ou melhor *Background*, pois são oriundos de situações socioeconômicas e culturais que favorecem o desenvolvimento educacional. Evidentemente, não se trata de uma regra, há casos e exceções em que tal tendência não se confirma. Uma dessas exceções parece ser o Prouni (Programa Universidade Para Todos). Estudos iniciais sobre este programa vêm demonstrando que os seus bolsistas, em muitos cursos, estão apresentando desempenho superior aos dos seus colegas pagantes, apesar desses últimos possivelmente serem oriundos de ambientes socioculturais mais favorecidos. Desta forma, nesse trabalho a questão norteadora se refere as razões desse melhor desempenho dos alunos bolsistas. Ou seja, qual outro fator, que não os já conhecidos pela literatura (*background* e o fator escola), podem estar influenciando o bom desempenho destes alunos de meios populares? Trata-se de uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo é discorrer e refletir sobre a hipótese da motivação como resposta à questão levantada.

PALAVRAS CHAVE: Educação superior, Prouni, Capital cultural, Desempenho, Motivação.

Introdução

Pode parecer jargão, ou até mesmo chavão iniciar uma reflexão com a premissa de busca pela qualidade e equidade educacional, no entanto, é o que diversas pesquisas e projetos têm buscado em sua essência. Compreender o que tem levado ao ‘fracasso’ e os passos para o ‘sucesso’ escolar, inclusive em nível de educação superior, têm sido o foco de muitas pesquisas e estudos nas últimas décadas em diversos países. A qualidade e a equidade de um sistema educacional são consideradas fundamentais para a formação de uma geração onde a democracia é consolidada e para a construção de sociedades mais justas.

Estudos e teorias de grande impacto educacional acerca de tais assuntos surgiram por volta dos anos 1960 com o Estudo Coleman e com as pesquisas de Pierre Bourdieu sobre capital cultural. Ambos apresentaram avanços significativos para as pesquisas em eficácia escolar e para a relação com a sociologia da educação.

O Estudo Coleman, encomendado pelo governo dos Estados Unidos em 1966, avaliava a disponibilidade de igualdade de oportunidades educacionais para crianças de diferentes contextos sociais e raciais. Foi um estudo realizado de maneira bem ampla, com características de pesquisa quantitativa, demonstrando outra grande variável importante aos

estudos em eficácia escolar, qual seja, o contexto familiar dos alunos, as condições sociais e econômicas e até mesmo culturais. Desmistificando e vendo, assim, outro grande fator além da escola e da sua infra-estrutura.

Mais ou menos no mesmo período, o francês Pierre Bourdieu desenvolveu em suas teses, reflexões e escritos, avanços ainda mais observáveis que o relatório Coleman, visto que relacionou o desempenho escolar à origem social dos alunos e de maneira geral apontou que a escola, da maneira como se organiza, era uma das principais instituições de reprodução e legitimação da desigualdade e de privilégios.

Dessa forma, compreende-se a partir de tais premissas que os sistemas educacionais e a escola não conseguem consubstanciar um sistema onde todos, independente de sua origem socioeconômica e cultural, tenham condições iguais de aprendizagem e desenvolvimento.

Diversos são os estudos que tem tentando descobrir e encontrar respostas para a construção de um sistema com equidade onde todos aprendam de forma igual, independente de classes sociais, ou seja, desde alunos de meios populares até alunos das classes mais favorecidas, assim o sistema superaria as desigualdades e encontraria soluções para uma educação inclusiva em que todos os alunos possam aprender, independente de suas peculiaridades.

As respostas definitivas ainda não surgiram para estas indagações, os avanços nas pesquisas demonstram que não se trata de um tema simples, mas complexo e permeado por reflexões das mais diversas áreas de estudos. Mais recentemente, se passou a reconhecer que a explicação para a diferença do desempenho dos estudantes não se limita apenas ao capital cultural, ou *background*, e ao fator escola. Estudos começam a indicar que outros fatores podem ser importantes na explicação do desempenho alcançado pelos estudantes.

Nesse sentido, o Prouni pode ser uma possível fonte de informações para contribuir com respostas e caminhos para a obtenção de uma melhor compreensão do desempenho de alunos de diversos grupos sociais. Levantamentos têm demonstrado que os alunos que são bolsistas Prouni possuem, em diversas situações, melhores desempenhos em avaliações e disciplinas em relação aos alunos pagantes, batendo de frente com a teoria, a qual de maneira geral, aponta que eles deveriam ter, tendencialmente, desempenho inferior, pois possuem desvantagem de *background* em relação os seus colegas.

Relatório Coleman, Capital Cultural e Background: a fundamentação

Julio Bertolin e Telmo Marcon (2015) destacam que provavelmente o primeiro estudo sobre os determinantes do desempenho escolar, tenha sido o Relatório Coleman, de 1966, o qual derrubou mitos sobre o curso da pesquisa em educação e se tornou um marco da pesquisa sociológica.

A justificativa do Relatório Coleman se deu por uma encomenda da Lei dos Direitos Civis, nos Estados Unidos, buscando encontrar as causas da desigualdade qualitativa entre escolas. A pesquisa desenvolvida por Coleman foi baseada em um levantamento *Survey* que envolveu uma amostra aproximada de 645 mil alunos, coletando dados sobre as características das escolas, dos professores, alunos e famílias.

Até então, o que se acreditava que influenciava diretamente no sucesso dos estudantes, era os insumos da escola, infraestrutura, como equipamentos e estrutura física. O Relatório, e os dados por ele consolidados demonstraram outro novo e primordial fator. Os resultados da pesquisa apontaram que as diferenças de desempenho eram melhor explicadas em relação à condição de vulnerabilidade social, ou seja, variáveis socioeconômicas, do que pelos fatores relacionados à estrutura da escola. Apontaram ainda que as crianças em condições e situações de vulnerabilidade apresentavam desempenho inferior em relação às outras.

O Relatório também permitiu que um novo olhar pudesse aparecer sobre o paradigma da escola redentorista, escola enquanto solução para todos os problemas. Permitindo assim que novas teses e teorias surgissem a fim de se elaborar novas políticas para melhorias na qualidade da educação.

Pierre Félix Bourdieu, sociólogo francês, também em meados da década de 1960, desenvolveu de forma fundamentada e inovadora respostas aos problemas da aprendizagem dos alunos e das desigualdades escolares. Até então, era atribuído à escola a centralidade pelo acesso à educação, igualdade de oportunidades, à construção de uma nova sociedade, sendo a escola entendida como uma instituição neutra, com seleção de alunos em critérios racionais, constituindo um período de otimismo (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

As contribuições de Bourdieu surgem em oposição a estas premissas e destacam uma nova interpretação aos sistemas de ensino na sociedade. A partir de dados de pesquisas quantitativas, estruturados em outras fundamentações, uma das teses do autor sustentou que os alunos são indivíduos que possuem suas peculiaridades e não competem em condições igualitárias na escola, são sujeitos com uma bagagem social e cultural diferenciada, que inclui componentes internos e externos, com relação direta à família, elementos econômicos, sociais

e culturais, denominados pelo autor como *Capital Cultural* (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

Para Bourdieu, a educação escolar para as classes mais favorecidas é uma continuidade da educação ofertada em casa, o domínio maior da língua culta e os conhecimentos trazidos por estes alunos facilitaria a sua aprendizagem à medida que funciona de elo entre a família e a escola. Dessa forma o sucesso dos alunos não pode ser explicado pelos seus dons, mas pelas condições ligadas a origem social que torna o sucesso mais ou menos provável. Logo, as classes mais favorecidas, tendencialmente possuem mais subsídios e elementos para alcançar o sucesso escolar, pois possuem uma bagagem cultural, econômica e social que leva à desempenhos superiores no âmbito das escolas.

Nesse sentido, a relação e transito destes termos com a temática deste artigo se dá ao comparar os desempenhos entre os bolsistas Prouni e seus colegas pagantes nos cursos de graduação nas instituições privadas de educação superior. De acordo com a teoria, por um lado, alunos de graduação oriundos de meios populares que não tiveram acesso a uma educação básica de qualidade, certamente carregarão consigo traços desta ‘formação incompleta’ ou não ‘suficiente’, bem como de um contexto socioeconômico não favorável ao desenvolvimento e a aprendizagem. Por outro lado, em posse de condições mais elevadas, por tendencialmente possuírem capital cultural mais elevado, os estudantes pagantes – colegas dos bolsistas, devem ter mais facilidades de aprendizagem e apresentarem um melhor desempenho. Como resultado de tais diferenças, os alunos bolsistas deveriam apresentar desempenho inferior aos pagantes devido ao seu capital cultural, ao ambiente de restrições em que cresceram, as escolas públicas que frequentaram e as condições de vivência em comunidades de meios populares.

No contexto dos bolsistas Prouni, entretanto, o desempenho dos alunos bolsistas não tem sempre seguido tal lógica. Em muitos casos eles têm obtido um desempenho superior dos pagantes. Nesse contexto, em que os bolsistas e os pagantes frequentam o mesmo curso e que os pagantes, tendencialmente, têm capital cultural superior, nem o fator escola e nem o *background* podem explicar o melhor desempenho dos bolsistas. Por conseguinte, as reflexões e questionamentos levantados são: Que outro fator (além do capital cultural e da escola que frequentam) tem influenciado estes alunos, os levando a suprir as lacunas existentes e consecutivamente apresentarem desempenho superior em relação aos colegas pagantes?

A guisa, possível causa e conclusões.

Motivação: um possível fator

Segundo estudos e pesquisas realizadas nas bases de dados do MEC e de instituições, os bolsistas Prouni tem apresentado, de forma relativamente surpreendente, desempenho superior aos pagantes. Além dos dados do Enade, levantamentos de desempenho em disciplinas que comparam médias finais dos alunos têm evidenciado casos de melhor desempenho dos bolsistas em relação aos seus colegas pagantes. Um exemplo é o estudo desenvolvido por Julio Bertolin e Cristina Fioreze (2015), o qual demonstrou que, em média, as notas finais dos bolsistas foram de aproximadamente 4% superior aos pagantes numa amostragem com disciplinas de cursos das mais diversas áreas do conhecimento em uma universidade comunitária do Sul do Brasil (Tabela nº 1).

Tabela nº 1 – Comparação entre o desempenho dos bolsistas Prouni e dos estudantes pagantes por semestre no período 2009/1 a 2012/2

SEMESTRE	QTD CURSOS	% DE DESEMPENHO SUPERIOR DOS BOLSISTAS	QTD DE CURSOS COM BOLSISTA COM DESEMPENHO SUPERIOR	QTD DE CURSOS COM PAGANTES COM DESEMPENHO SUPERIOR
2009/1	56	4,7%	50	6
2009/2	52	3,9%	46	6
2010/1	54	5,5%	50	4
2010/2	53	3,8%	46	7
2011/1	55	2,3%	43	12
2011/2	54	3,4%	44	12
2012/1	52	5,2%	44	8
2012/2	51	3,9%	41	10

Fonte: Bertolin e Fioreze (2015).

Diante de tal contradição do desempenho dos bolsistas com as teorias do capital cultural e do *background*, as seguintes indagações são realizadas:

1. Por que os bolsistas Prouni, mesmo oriundos de classes populares apresentam desempenho superior aos pagantes oriundos de classes mais favorecidas?
2. Qual fator além do fator escola e do *background* pode estar influenciando o desempenho destes bolsistas?

Se a explicação do desempenho superior dos bolsistas não se encontra no fator escola (visto que os pagantes frequentam os mesmos cursos) e nem no capital cultural que estes

alunos possuem (visto que tendencialmente o dos pagantes deve ser superior), por conseguinte, pode-se deduzir que um outro qualquer aspecto está relacionado. Provavelmente, algum aspecto próprio do aluno, ou de seu contexto, deve estar impactando a tal ponto que o *background* seja suplantado. Nesse trabalho, argumentamos que a *motivação* pode ser tal fator. Ou seja, procuramos argumentar que é a motivação dos alunos bolsistas que possui a capacidade de compensar as lacunas decorrentes do capital cultural e do ambiente familiar e escolar. A base da literatura que sustenta esta especulação, advém, principalmente do campo da psicologia. É permeada por conceitos e características que têm sido estudadas a fim de compreender em que medida, e como a motivação pode influenciar na ação e iniciativa das pessoas, inclusive para a aprendizagem e o desempenho escolar.

Segundo Sylvia Domingos Barrera (2010), a partir dos anos 1960 surgiram várias teorias motivacionais, as quais são agrupadas por um conjunto genérico denominado “teorias cognitivas da motivação”. Estas teorias partem do pressuposto que a atividade cognitiva do ser humano é inseparável de sua motivação. Nesse contexto, as teorias que mais se destacaram foram a Teoria da Atribuição Causal e a Teoria da Auto eficácia.

A Teoria da Atribuição Causal coloca as cognições no centro do processo motivacional. Se interessa pelas causas em que as pessoas atribuem acontecimentos que lhe dizem respeito, em especial os relacionados ao sucesso e ao fracasso. Tal teoria aponta que uma das principais motivações humanas é a procura das causas, acontecimentos, e para reproduzir uma experiência agradável ou não, é importante perceber as causas da mesma.

Fontaine (2005, *apud* Barrera, 2010, p. 163), destaca e exemplifica que “um fracasso numa prova de avaliação escolar pode ser interpretado por certos alunos como sendo consequência de sua capacidade intelectual insuficiente e, por outros, da falta de esforço, de problemas relacionais com o avaliador, ou ainda da fadiga ou da ansiedade no momento da avaliação, ou da falta de clareza das perguntas etc.”. Nesse sentido, aponta que a maneira como os indivíduos interpretam os acontecimentos, mesmo que não correspondam à realidade, tem consequências emocionais e de comportamento extremamente relevante, ao passo de que certa interpretação pode desanimar ainda mais ou motivá-lo a novas soluções. De acordo com Fontaine (2005),

alguns fatores têm se mostrado relacionados com as atribuições causais, entre eles destacam-se: 1) características da tarefa (o sucesso numa tarefa muito difícil ou o fracasso numa tarefa muito fácil estimulam a construção de atribuições internas, relacionadas à própria capacidade/incapacidade, ou, pelo menos, de atribuições instáveis, relacionadas à sorte/azar, por exemplo); 2) frequência de ocorrência de

determinados tipos de resultados (sucessos ou fracassos frequentes levam a atribuições estáveis, enquanto os esporádicos conduzem a atribuições instáveis); 3) comparação social (se um determinado resultado é obtido pela maioria das pessoas, o sujeito tenderá a atribuí-lo a fatores externos e estáveis, enquanto se o resultado obtido estiver relacionado a uma minoria de pessoas, tenderá a atribuí-lo a fatores internos e estáveis); 4) posição do avaliador (se o avaliador deve julgar a si mesmo, tende a atribuir seus resultados indesejáveis a fatores externos e os resultados favoráveis a fatores internos, porém não costuma ser tão benevolente quando avalia os mesmos comportamentos manifestados por outros). (FONTAINE 2005, *apud* BARRERA 2010, p. 166-167)

Outra teoria citada por Sylvia Domingos Barrera é a Teoria da Auto eficácia, desenvolvida por Albert Bandura. Esta salienta a importância da percepção de auto eficácia e concebe o ser humano como capaz de exercer controle sobre seus pensamentos, ações, emoções e também sobre seu ambiente. Neste contexto, Barrera (2010) citando Fontaine (2005), aponta que a motivação, é entendida como a escolha e persistência de comportamentos orientados para objetivos, e é concebida como estando relacionada a dois fatores, sendo eles as expectativas de resultados e as crenças de auto eficácia, que se referem a capacidade pessoal para executar os comportamentos necessários para alcançar alguns objetivos.

As crenças de auto eficácia funcionam como determinantes de motivação, as pessoas que possuem forte crença em sua eficácia possuem convicção de suas competências e assim se colocam em situações desafiadoras, empenham-se e perseveram frente aos obstáculos.

Barrera (2010) citando Bzuneck (2001) aponta uma observação que podemos articular às reflexões deste artigo e se tornam relevantes ao contexto da educação superior:

Ao se defrontarem com dificuldades, como no caso de novas disciplinas ou até de novas exigências ou tipos de tarefas, os alunos assediados por dúvidas internas quanto às suas capacidades reduzem seus esforços ou interrompem prematuramente as tentativas, ao mesmo tempo em que decidem por soluções medíocres, ou seja, rebaixam o nível dos seus objetivos pessoais. Ao contrário, aqueles que possuem uma forte crença nas próprias capacidades emvidam maiores esforços, empregam melhores estratégias e, como resultado, promovem seu próprio crescimento intelectual (BZUNECK, 2001, p. 131 *apud* BARRERA, 2010, p. 172 - 173)

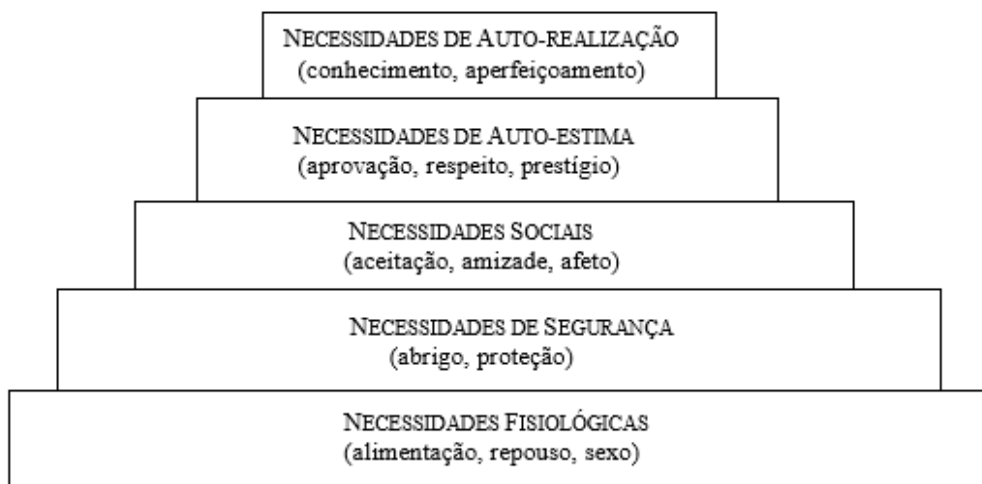
Assim, considerando que o aluno que está na Universidade por intermédio do Prouni realizou uma seleção concorrida, diferentemente dos pagantes que nas instituições privadas muitas vezes não possuem concorrência no processo seletivo, podem desenvolver uma maior crença em sua eficácia. Ou seja, ao obter aprovação, o bolsista pode ter potencialmente ampliada a crença em relação a sua própria capacidade, levando, por conseguinte, conforma a

teoria da auto eficácia, a obter um melhor desempenho nas disciplinas e em exames como o Enade.

Outra estudo da área da Psicologia sobre motivação se refere a Pirâmide de Maslow. Segundo Moraes e Varela (2007, p. 02) “o fator de motivação humana está sujeito a algumas necessidades e, conforme a teoria de Maslow, tem sua origem nas necessidades primárias. Uma vez satisfeita estas necessidades, o ser humano passa a buscar as seguintes”. Tal teoria citada pelas autoras, é considerada umas das principais abordagens quando se trata deste assunto no campo da psicologia.

Maslow, citado por Hersey e Blanchard (1986), aponta que o comportamento é decorrente de motivos diversos, os quais resultam de necessidades de caráter biológico, psicológico e social. O autor elabora então uma pirâmide de necessidades, sob essas hierarquias, nesta ordem apresentada. Para o autor, após satisfazer cada necessidade, a motivação direciona-se para outra necessidade, dominando o comportamento da pessoa (Figura nº 1).

Figura nº 1 - Esquema da hierarquia de necessidades proposta por Maslow



Fonte: Barrera (2011).

Na base da Pirâmide de Maslow se encontra as ‘necessidades básicas’ e em sequência a ‘necessidade de segurança’. No contexto dos alunos bolsistas Prouni, é plausível que a relação com sua maior motivação decorre do seu contexto social, da sua história de vida. O curso de graduação pode representar uma oportunidade única para o seu futuro e de seus familiares, especialmente no que se refere a alcançar ‘segurança’ econômica e financeira por meio da obtenção de um diploma de educação superior. Dessa forma, como os bolsistas

potencialmente ainda não satisfizeram a necessidade de segurança econômico-financeira que, provavelmente, já tenha sido satisfeita para os alunos pagantes pelo contexto familiar, a Pirâmide de Maslow explicaria a motivação para uma maior dedicação e melhor desempenho dos bolsistas com vistas a alcançar a necessidade básica de segurança em relação ao futuro.

Estas teorias da Psicologia, demonstradas como exemplos, podem fundamentar este estudo e a hipótese de que a motivação seja o fator que justifica o melhor desempenho dos bolsistas Prouni em relação aos seus colegas pagantes, não obstante tendencialmente terem menor capital cultural. De fato, é plausível se aplicar tais teorias da motivação ao contexto do surpreendente desempenho dos bolsistas Prouni. Apesar disso, provavelmente não se tratará de uma regra, nem se poderá generalizar, no entanto, compreende-se que pode ser um importante fator a ser melhor investigado no sentido de contribuir da construção do conhecimento sobre o desempenho dos estudantes na educação superior.

Diversos são os fatores que podem influenciar na motivação dos alunos, eles são, às vezes, melhor compreendidos em casos particulares, partindo de pesquisas mais *in lócus*, pois são permeadas de subjetividades. Com base nas reflexões realizadas, compreende-se exequível deduzir que o fator motivação está ligado, de alguma forma, ao desempenho dos alunos Prouni, justificando assim que os bolsistas, mesmo provenientes de meios populares, apresentem, muitas vezes, desempenho superior aos colegas pagantes.

Conclusão

Muitos estudos, teses e teorias surgem a fim de buscar soluções e avanços para a educação. A educação superior passa por grandes transformações e nos últimos anos estas mudanças têm sido visíveis e fundamentais. O norte é a procura por uma educação de qualidade e com equidade, onde todos os alunos aprendam, independente de suas peculiaridades e origem social. Durante muitas décadas a educação superior esteve direcionada a uma parcela muito pequena da sociedade. Programas e políticas educacionais mudaram este panorama no intuito de oportunizar maior acesso à população. Essa luta não chegou ao fim, mas percorreu caminhos exitosos.

O Prouni, independente de contexto político e partidário, constituiu instrumento para tais avanços no Brasil. Permitiu que muitas pessoas pudessem realizar curso superior com bolsas parciais ou integrais e ainda mais, que pudessem buscar novas formas de viver pessoal e profissionalmente. A origem desse trabalho se deu quando as análises dos dados sobre o

desempenho dos graduandos demonstraram que os bolsistas no Prouni estão apresentando, em muitos casos, desempenho superior em relação aos colegas pagantes.

A revisão de literatura aponta que estudos consolidados sobre o sucesso e o fracasso escolar evidenciam que as classes populares geralmente são desfavorecidas diante de avaliações devido ao baixo *background* dos alunos ou de seu capital cultural reduzido. Nesse contexto, os alunos bolsistas Prouni apresentam um contraponto a literatura, visto que mesmo oriundos de classes populares, advindos de escolas públicas, estão apresentando melhor desempenho que seus colegas pagantes.

A reflexão realizada nesse artigo permite deduzir que existe outro fator, além do *background* e do fator escola, que influenciam na aprendizagem e no desempenho destes alunos. A revisão e as reflexões realizadas permitem considerar a possibilidade de que a *motivação* pode ser determinante e ter potencial influência no desempenho dos alunos Prouni. A luz da psicologia, algumas teorias poderiam explicar porque esses alunos, impulsionados por suas condições e por verem no acesso à universidade sua única forma de “vencer na vida”, sentem-se motivados a saciar, por exemplo suas ‘necessidades de segurança’, influenciando diretamente em sua aprendizagem e desenvolvimento em avaliações e testes, diferentemente de seus colegas pagantes que estariam em outros níveis de necessidades.

Avanços mais significativos nessa linha de pensamento, entretanto, somente serão possíveis analisando de forma mais qualitativa as particularidades dos cursos, realizando um trabalho de campo mais minucioso e específico.

Referências

BARRERA, S. D. Teorias cognitivas da motivação e sua relação com o desempenho escolar. *Poíesis Pedagógica*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 159-175, abr. 2011. ISSN 2178-4442. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/14065>>. Acesso em: 17 Dez. 2015. doi:10.5216/rpp.v8i2.14065.

BERTOLIN, J.C; FIOREZE, C. .O background e o rendimento escolar dos bolsistas Prouni: desempenho além do esperado?. In: *XVII Congresso Brasileiro de Sociologia*, 2015, Porto Alegre – RS. Editora UFRGS, 2015.

BERTOLIN, J. C. G; MARCON, T. O (des)entendimento de qualidade na educação superior brasileira – Das quimeras do provão e do ENADE à realidade do capital cultural dos estudantes. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba , v. 20, n. 1, p. 105-122, Mar. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000100105&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.590/S1414-40772015000100008>.

BRASIL. LEI Nº 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-006/2005/lei/L11096.htm>. Acesso em jan. 2016.

HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. *Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas de liderança situacional*. São Paulo: EPE, 1986.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

MORAES, C. R.; VARELA, Simone. Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem. *Revista Eletrônica de Educação*. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf> acesso em 05 Dez 2015.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições in: *Educação e Sociedade*, vol. 23, nº 78, Campinas, abr. 2002.